

Rodrigo de Almeida - Porca-mola

Rodrigo de Almeidarodrigo.almeida@jb.com.br

Coisas da Política



Breu no fim do túnel

PARA FALAR SÉRIO NOS PRÓXIMOS ANOS: se quiser ter a graça dos 5% de crescimento econômico, o já mítico patamar desejado pelo presidente, o governo Lula precisará reconhecer e recuperar os abalados alicerces da infra-estrutura e da logística do país. O vaticínio é uma dessas quase unanimidades que costumam encher a paciência nacional sem que os governos resolvam agir. Assim reconhece quem tem lido a série de reportagens do JB sobre a supressão do direito de ir e vir dos brasileiros e o mapa da crise logística em formação no horizonte próximo.

Pois o jornalista Luiz César Faro acaba de oferecer uma boa contribuição aos interessados neste problema que ameaça ensombrecer o futuro. Com trocadilho. Num artigo publicado na última edição da revista *Insight-Inteligência*, distribuída por mala direta, Faro recolheu estudos sobre o assunto, ouviu gente que pensa, olhou para os prognósticos dos órgãos governamentais, fez as próprias reflexões e concluiu: a economia brasileira não tem como crescer acima de 4% nos próximos anos sem o risco de desabastecimento energético caso persistam os minguados investimentos no setor ou se o cronograma das obras não virarem de pernas para o ar.

Para usar um português ainda mais claro, o governo terá de transformar em prioridade o que até aqui relegou às gavetas do "para quando der". Tinhoso como poucos, Faro dispensa tais palavras. É mais sofisticado. Comprova, por A mais B, que diferentemente do que foi dito durante todo o ano de 2005 e na maior parte de 2006, "as principais determinantes do crescimento não são, na presente conjuntura, as variáveis fiscal, monetária e cambial – o que não quer dizer que não sejam relevantes. É a infra-estrutura o cobertor curto".

O problema energético é um dos males mais bem compartilhados entre as gestões tucana e petista. De Fernando Henrique, o setor herdou o viés reducionista de uma privatização sem regulamentação e consumada a toque de caixa. Deu no que deu. Deixou-se para depois a definição do marco regulatório, veio o desonroso apagão, os preços foram às alturas e a escuridão chegou ao fim com uma razoável poupança de energia e uma enorme recessão.

Lula conseguiu fazer pior. Como Faro lembra, não produziu sequer uma fagulha de eletricidade. Sem investir, o que era uma sobrinha de energia virou perigo à vista e em alto grau. O resultado está aqui. Os próprios braços do governo na área mostram que a energia de que dispomos hoje é inferior àquela que garantiria o funcionamento do sistema sem ameaça de paralisia. Sim, apagão.

A econometria energética sugere o seguinte. Para cada 1% de crescimento do PIB, é necessário pouco mais de 1,3% de crescimento da oferta de energia. Entre um e outro, convém manter uma margem de risco. Isso significa tirar do papel um megaprojeto a cada 12 meses, compara o artigo. Nada mal para um governo que, nos últimos quatro anos, não pôs em funcionamento um projeto sequer – nem mega nem mini.

Das duas uma, informa o estudo de Faro. Ou o governo vai logo preparando algo como a Câmara de Gestão da Crise de Energia, presidida pelo ex-ministro Pedro Parente durante a escuridão nacional de 2001, ou vá acostumando o país a um "crescimento ridículo e declinante". Antes de escolher, pode ler o artigo no endereço: <www.insightnet.com.br/inteligencia>. Encontrará boas soluções para compatibilizar as funções de Estado e mercado num setor à beira de um colapso.



Principais fatos e notícias do país chegam primeiro ao número 46921 (Vivo) ou 52052 (Oi, BrT e CTBC). R\$